

Notas Sobre a Sociedade do Cansaço Segundo Byung Chul Han

Ana Júlia Ribeiro Soares¹, Abraão Pustrelo Damiao¹

¹IFSP Campus Barretos. julia.soares1@aluno.ifsp.edu.br

Palavras-chave: *Filosofia, Cansaço, Sociedade Contemporânea, Byung Chul Han.*

Introdução

Byung Chul Han (1959-) é um filósofo sul-coreano radicado na Alemanha desde o final da década de 1990, quando realizou seu doutoramento, em 1994, junto à Universidade de Friburgo. Atualmente, é professor de filosofia e estudos culturais na Universidade de Berlim. Entre suas diversas obras sobre a sociedade contemporânea destacam-se: *Psicopolítica – O Neoliberalismo e as novas Técnicas de Poder* (2018) e *Sociedade do Cansaço* (2015). Neste trabalho, objetivamos analisar, sobretudo está última.

A "Sociedade do Cansaço" é um conceito central desenvolvido pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. Ele argumenta que, na contemporaneidade, estamos cada vez mais exaustos não tanto devido à imposição externa, como na sociedade disciplinar, mas devido à pressão interna de sermos produtivos e felizes o tempo todo. Han discute como a sociedade contemporânea, caracterizada pela positividade excessiva e pela busca incessante por realização pessoal, leva a um aumento do cansaço e da depressão. Ele aborda temas como a excessiva valorização do trabalho, a prevalência da transparência nas redes sociais e a falta de espaço para o negativo na cultura atual.

Objetivos

A obra de Han questiona a ideia de liberdade na sociedade atual, sugerindo que a liberdade se transformou em autodisciplina e autoexploração constante, contribuindo para uma cultura do cansaço.

Analisar a dinâmica da sociedade neoliberal a partir do conceito de cansaço na obra de Byung Chul Han para melhor compreensão das características da vida contemporânea, sobretudo do aumento do sofrimento psíquico associado a esse modelo de vida.

Material e Métodos

Para o desenvolvimento do trabalho, utilizamos como material as obras *Sociedade do Cansaço* (2015) e *Psicopolítica – O Neoliberalismo e as novas Técnicas de Poder* (2018) de Byung Chul Han, bem como outras obras de intelectuais que abordam a questão do trabalho e do sofrimento psíquico, sob o prisma do regime neoliberal de produção.

Metodologicamente, realizamos uma análise crítica e comparativa da bibliografia selecionada e de algumas teorias existentes sobre o tema, a fim de propor novas sínteses teóricas capazes de aprofundar a compreensão dos eventos abordados.

Resultados e Discussão

Em *À Sociedade do Cansaço* (2015), Han, ao longo do texto, utiliza-se de analogias, metáforas e comparações para compreender o funcionamento da sociedade neoliberal – aquela que surge com o fim da Guerra Fria (1989) e se consolida a partir da década de 1990 entre os países ocidentais.

Com o fim da Guerra Fria e com a ascensão do neoliberalismo, Han (2015 e 2018) mostra que uma nova forma de dominação surgiu nas sociedades ocidentais: a *dominação neuronal*. Doenças como a depressão, ansiedade, ou a Síndrome de Burnout, são cada vez mais comuns e recorrentes no dia a dia dos viventes dessas sociedades.

O fundamental nesse processo é que a causa por trás dessa elevação das doenças neurais, segundo ele, está diretamente ligada à lógica neoliberal. Pois, enquanto a sociedade do "capitalismo pesado", como argumenta Neves (2021, p.147), era marcada pela

"privação, ou seja, dava-se no conflito entre as normas sociais vigentes e os desejos impedidos do sujeito, o sofrimento no neoliberalismo e no capitalismo de consumo pode ser melhor entendido na dinâmica do gozo, em que a questão não é a da adequação a normas sociais postas, mas a da autossuperação dos limites do sujeito a todo momento"

Operando de tal maneira, o neoliberalismo veio inaugurar a era do hedonismo produtivo, do individualismo exacerbado e da competição constante, não mais entre as empresas, mas entre os indivíduos (Lipovetsky, 2013).

Essa mudança, no entanto, só pode ser compreendida se percebermos que o neoliberalismo substituiu a lógica da negatividade pela da positividade. Ou seja, a dominação e a exploração derivadas do neoliberalismo não são mais articuladas pela negatividade da proibição e da vigilância, mas fundamentadas no excesso de positividade: que se expressa na ideia individualista de que com força de vontade e objetivos determinados, nada é impossível para o indivíduo. Ignorando fatores sociais, históricos, econômicos e políticos, o indivíduo se encontra em uma posição onde sozinho deve ser capaz de tudo. E com a convicção de que tudo é possível, e o sucesso só depende de seu esforço, o fracasso pessoal é apresentado como falta de interesse, dedicação ou até mesmo planejamento.

A culpa e a angústia aparecem, assim, associadas à inferioridade e à vergonha de “não fazer” ou de “não poder fazer” por meios próprios aquilo que se deseja. Dessa visão surge os diversos dispositivos neoliberais – que vão do *coaching* à autoajuda, dos vídeos motivacionais à aplicativos digitais de administração do tempo, da medicina do trabalho ao suporte de psicofármacos, do imaginário empreendedor à publicidade – que buscam enfatizar que os indivíduos têm que se empenhar diuturnamente para não ceder à insuficiência de seus limites e para organizar suas vidas ou seus negócios de maneira a “dar conta” dos excessos. Isso significa, segundo Safatle, Dunker e Neves (2021, p.10), que

“a forma de vida neoliberal descobriu que se pode extrair mais produção e mais gozo do próprio sofrimento {e que se pode} encontrar o melhor aproveitamento do sofrimento no trabalho, extraindo o máximo de cansaço com o mínimo de risco”.

Ou seja,

“o sofrimento não é mais um obstáculo para o desenvolvimento da indústria, mas pode ser metodicamente produzido e administrado para aumentar o desempenho” (Dunker, 2021, p. 181).

Essa sensação de liberdade esconde uma nova forma de exploração, caracterizada pelo sujeito do desempenho. Nas palavras de Han (2015, p. 10),

O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência. A queda da instância dominadora não leva a liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam.

Mas como isso é possível? Pela razão que o neoliberalismo age muito mais sobre nossa psique do que sobre nosso corpo. Sua lógica reprodutiva pressupõe

“uma concepção de individualidade que coloca em cena um corpo mais reflexivo ou mais mental do que o das disciplinas, menos próximo da máquina que se opera ou do animal que se adestra” (Ehrenberg, 2001, p. 36).

Os neoliberais perceberam, nesse sentido, que enquanto o corpo se esgota, a mente bem treinada e submetida a máxima pressão pode produzir cada vez mais. *Manovich* (1995, p.6) notou essa tendência já nos anos 1980 quando constatou que

“independentemente do percentual da força de trabalho que ainda possa se dedicar ao trabalho braçal, a sociedade {neoliberal} não se preocupa mais em despendar mais recursos intelectuais para aperfeiçoar os movimentos dos operários ela age através de uma nova obsessão pela racionalização da mente”

No fundo, os neoliberais constataram que era preciso operar “uma mudança estrutural da mente” para se manter de pé, pois seria impossível conceber adequadamente o gerenciamento de um mundo tão complexo de informações, tão interdependente, automatizado e global, sem que os indivíduos fossem capazes de realizar uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos, sem que houvesse, em outras palavras, um aumento significativo da eficácia e da eficiência das habilidades cognitivas em nome da superprodução e de formas específicas de

gestão de si e dos outros, em que o excesso e não a falta é que motiva a ação.

Conclusões

Destacamos que a crítica feita por Han e os autores selecionados não é direcionada ao ato de trabalhar, mas sim a forma com que o neoliberalismo organiza socialmente o trabalho, especialmente a ênfase que dá sobre a responsabilização individual pelos resultados coletivos.

Ainda que recorramos a dispositivos de apoio – que nos prometem aumentar nossas capacidades, nos manter despertos, otimizar nossas tarefas e intensificar nossa disposição para enfrentar os desafios – a vida estimulante e aventureira que o projeto neoliberal promete não pode se realizar, ao menos sem sofrimento e angústia individuais. Há limites naturais, físicos e mentais, que precisamos respeitar se quisermos almejar uma existência equilibrada. A “vontade de ser” não pode se sobrepor a “capacidade de ser”. A existência entendida como potência total é cansativa, extenuante na verdade. Viver cansado, estafado, contudo, não é uma opção viável. A pergunta que precisamos fazer, portanto, é: por que insistimos em viver de tal modo?

Agradecimentos

Agradecemos ao Instituto Federal de São Paulo através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC – CNPq.

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michael. Em **Defesa da Sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão, São Paulo, Martins Fontes, 2000.

_____. Vigiar e Punir. Trad. Raquel Ramalhe. Petrópolis, Editora Vozes; 42ª edição. 2020.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica** – O Neoliberalismo e as novas Técnicas de Poder. Trad. Maurício Liesen. Editora Âyiné, Belo Horizonte, 2018.

_____. **Sociedade do Cansaço**. Trad. Enio Giachini. Editora Vozes. Petrópolis. 2019.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**: Ensaio sobre o Individualismo Contemporâneo. Trad. Miguel S. Pereira e Ana Luísa Faria. 1ªed. Lisboa, Edições 70, 2013.

MANOVICH, Lev. **The Labor of Perception**. 1995. Disponível em: <http://manovich.net/index.php/projects/the-labor-of-perception>.

NEVES, Antônio et. al. **A Psiquiatria sob o Neoliberalismo: Da Clínica dos Transtornos ao Aprimoramento de si**. In Neoliberalismo como Gestão do Sofrimento Psíquico, Org. Vladimir Safatle, Nelson da Silva Junior e Christian Dunker, São Paulo, Autêntica, 2021, p. 125-176.

SAFATLE, Vladimir, SILVA JUNIOR, Nelson, DUNKER, Chistian. **Neoliberalismo como Gestão do Sofrimento Psíquico**, São Paulo, Autêntica, 2021.